

# ARQUITETURA ENTRANHA NO PAMPA

## Perspectivas pré-conceituais

*BOWELS ARCHITECTURE IN THE PAMPA*  
*Preconceptual perspectives*

*Luiz Antônio Bogo Chies<sup>1</sup> e Diego Leite da Silva<sup>2</sup>*

### Resumo

Neste ensaio se vislumbra uma arquitetura peculiar que se desenvolve no Pampa, em especial nos ambientes rurais dos séculos XVIII e XIX, mas repercute em construções posteriores, inclusive urbanas, alcançando as edificações contemporâneas. Como estratégia metodológica, trabalhamos com textos literários e relatos de estrangeiros viajantes pelos territórios do cone sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) escritos, preferencialmente, entre o século XIX e as primeiras décadas do século XX. Focalizamos três eixos de registros arquitetônicos: o rancho; a tapera; e, a casa do estancieiro. Por fim, buscamos analisar os achados nas narrativas com auxílio de duas perspectivas estéticas: a *do Frio*, elaborada por Vitor Ramil; e, a *Wabi-sabi*, originária da cultura japonesa. Com a apresentação de perspectivas pré-conceituais do que propomos como uma *arquitetura entranha* no pampa, buscamos abrir uma agenda de reflexões e pesquisas que valorize as peculiaridades regionais de um continente mestiço.

Palavras-chave: arquitetura entranha, pampa, rancho, tapera, casa do estancieiro.

### Abstract

*This essay glimpses a peculiar architecture that develops in the Pampa, especially in the rural environments of the 18th and 19th centuries, but has repercussions on later constructions, including urban ones, reaching contemporary buildings. As a methodological strategy, we work with literary texts and reports from foreign travelers through the territories of the southern cone (Argentina, Brazil, Chile, Paraguay and Uruguay) written, preferably, between the 19th century and the first decades of the 20th century. Thus, we focus on three architectural object types: the ranch; the tapera; and the rancher's house. Finally, we seek to analyze the findings in the narratives based on two aesthetic perspectives: the of the Cold, elaborate by Vitor Ramil; and the Wabi-sabi, originating in Japanese culture. With the presentation of preconceptual perspectives of what we propose as an bowels architecture in the pampa, we seek to open an agenda of reflections and research that values the regional peculiarities of a mestizo continent. Keywords: bowels architecture, pampa, ranch, tapera, rancher's house.*

### Introdução

Os seculares casarões da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, em seus estilos ecléticos e neoclássicos, ainda hoje se apresentam como símbolos da riqueza e do refinamento da elite de uma sociedade charqueadora, cujo apogeu está entre fins do século XIX e início do XX.

Ao se cruzar a fronteira entre Brasil e Uruguai e ao se transitar pelas cidades do interior, em especial as da chamada Banda Norte (*Melo*, *Tacuarembó* e *Rivera*, por exemplo), casarões também são encontrados, pois riqueza oriunda da economia ganadeira não lhes faltou. Existem, entretanto, diferenças ao olhar. Os casarões uruguayos são menos ornamentados (revestidos de adereços), sugerem maior concisão de linhas e rigor de formas.

Peculiar *pueblo*<sup>3</sup> se encontra na *Ruta 9*, estrada que acompanha o litoral atlântico uruguayo. Entre as cidades de *Castillos* e *Rocha* está *19 de Abril*. A localidade é ponto de referência no histórico Caminho da Praia, ou Caminho do Mar – que ligava Colônia do Sacramento (hoje Uruguai) a Laguna (no atual estado de Santa Catarina), através do qual, desde o século XVII, conduziram-se tropas.

A primeira descrição conhecida deste caminho data de 1703 (FILGUEIRA, 1981). Em 12 de outubro de 1820 o viajante francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853)<sup>4</sup> pernoita no local, então identificado como *Chafalote*, denominação do pequeno arroio ali existente (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 163). Justifica-se, assim, que ali se tenha erigido um *pueblo* e que o mesmo algum desenvolvimento possuiu, a ponto de deixar peculiar conjunto arquitetônico: paredes despidas de reboco e tijolos aparentes, como entranhas a mostra, são características que capturam o olhar.

Desleixo? Civilização incompleta? Barbárie arquitetônica? Decadência? Seriam as edificações de *19 de Abril* uma confirmação da oposição civilização-barbárie de que Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) trata na icônica obra *Facundo* (publicada originalmente em 1845), na qual se utiliza da biografia de Juan Facundo Quiroga (1788-1835) – caudilho Riojano do século XIX – para atacar o também caudilho Juan Manuel de Rosas (1793-1877), numa Argentina ainda tumultuada em sua unificação federal?

A hipótese desse ensaio aborda a perspectiva de um olhar histórico em relação à arquitetura pampeana sob uma predisposição não tão dicotômica, mas sim de leveza.

Leveza como princípio epistemológico sugerido tanto pela *Estética do Frio*, de Vitor Ramil (1992; 2004), como pelo sociólogo Charles Wright Mills (1980).

Leveza: “recusa à inércia [...] mudar de ponto de observação [...] considerar o mundo sob outra ótica, outra lógica” (RAMIL *apud* RUBIRA, 2014, p. 178-179). Leveza: “Pois essa imaginação [sociológica] é a capacidade de passar de uma perspectiva a outra” (MILLS, 1980, p. 13).

A hipótese vislumbra uma arquitetura pampeana peculiar, a qual se *propõe chamar de arquitetura entranha*, que se desenvolve em especial nos ambientes rurais dos séculos XVIII e XIX, mas repercute em construções posteriores, inclusive urbanas, como se pode verificar em *pueblos* como *19 de Abril* e nas demais cidades já citadas

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFRGS/2006), Professor do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

<sup>2</sup> Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PROGRAU(UFPel/2019) e Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura (UNISINOS /2003).

<sup>3</sup> *Pueblo* é uma denominação da estrutura administrativa Departamental do Uruguai.

<sup>4</sup> Dados os períodos históricos de nossas fontes, para todos autores não contemporâneos citados que nos foi possível identificar, informamos entre parênteses os anos de nascimento e falecimento.



do Uruguai, bem como em municípios sul-rio-grandenses, em especial na faixa da fronteira.

Arquitetura entranha porque ao se adotar tal substantivo se está remetendo às vísceras internas de um corpo e, como já sugerido, esta arquitetura se destaca por deixar visível aquilo que em geral estaria encoberto (por rebocos e/ou ornamentos). Também como uma analogia da produção arquitetônica em relação à mais peculiar característica da economia pampeana: a exploração dos rebanhos bovinos que expôs suas entranhas para lucrar com os couros, com a carne, com a graxa, sebo etc...

Sob a perspectiva epistemológica a inspiração e compromisso se dá com as *Epistemologias do Sul* (SANTOS, 2018). Ao propor uma sociologia das ausências, Boaventura de Sousa Santos “visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe” (2018, p. 59). Propõe-se, então, uma arquitetura das ausências, capaz de reconhecer no pampa rústico não uma ausência estético-arquitetônica – dita não existente em especial pelo saber hegemônico moderno – mas sim uma presença, que demanda tradução.

Tal qual a ecologia dos saberes é estratégia de tradução na sociologia das ausências, aqui se propõe a análise dos achados da pesquisa através de uma ecologia das estéticas. Nesse sentido, *duas perspectivas se apresentam como potentes ferramentas de tradução: a Estética do Frio, elaborada por Vitor Ramil (1992; 2004), pois que imediatamente vinculada aos contextos pampeanos, incluindo suas peculiaridades topográficas e climáticas; e, a Wabi-sabi, originária da cultura japonesa, por sua valorização da beleza das coisas imperfeitas, transitórias e incompletas... das coisas modestas e simples... das coisas não convencionais* (KOREN 2019, p. 52).

Como estratégia metodológica, trabalhou-se com textos literários de autores pampeanos e relatos de estrangeiros viajantes pelos territórios do cone sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai). Ambos tipos de fontes preferencialmente escritas entre o século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Os estrangeiros favorecem observações protagonizadas pelo distanciamento/estranhamento sociocultural, o que permite o destaque de aspectos pitorescos que



os nativos, demasiadamente envolvidos, desprezariam de registros, pois que lhes apareceria como normal e cotidiano. Não obstante, via-de-regra os estrangeiros subjetivam suas narrativas com preconceitos, arrogâncias civilizacionais (em especial os europeus) e os matizes de seus próprios interesses e compromissos no decorrer das viagens.

Os literatos também buscam elementos pitorescos como a matéria prima de suas obras. Mas, mesmo quando exercitam certo nível de distanciamento psicoemocional, tendem a ser mais suscetíveis às armadilhas do envolvimento, até mesmo porque envolvidos em projetos que possuem objetivos e metas político-culturais.

No cotejo desses dois tipos de narrativas, quando se encontram satisfatórias coincidências dos conteúdos, sentidos e descrições, é possível identificar níveis de credibilidade suficientes para incluir aspectos e elementos num empreendimento cognitivo.

Após uma breve reflexão sobre o território e contexto histórico pampeano – sua natureza e seus processos de ocupação humana e social – o texto se dedica a três eixos de registros arquitetônicos: o rancho; a tapera; e, a casa do estancieiro.

Nas considerações finais (e instigativas), busca-se realizar a tradução dos achados nas narrativas utilizadas como fontes. Trata-se de um exercício inspirado na já mencionada ecologia das estéticas.

Deve-se, ainda, reconhecer que esse ensaio produz uma abordagem exploratória das perspectivas arquitetônicas desse histórico universo pampeano. Objetiva-se mais a abertura de uma agenda de investigações e pesquisas do que a identificação exaustiva do que se propõe como arquitetura entranha, motivo pelo qual são consideradas pré-conceituais os registros estéticos apresentados ao final.

### O pampa como território original, invadido e ocupado

O pampa pode e deve ser abordado sob diferentes perspectivas, as quais confluem para sua compreensão em nível de complexidade histórica e social.

Como bioma:

[...] os campos e pampas se estendem por uma área de aproximadamente 750 mil km<sup>2</sup>, compartilhada por Brasil, Uruguai e Argentina.

[...][...]

O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. Em sua paisagem predominam os campos, entremeados por capões de mata, matas ciliares e banhados.

A estrutura da vegetação dos campos – se comparada à das florestas e das savanas – é mais simples e menos exuberante, mas não menos relevante do ponto de vista da biodiversidade e dos serviços ambientais (MMA, 2021).

Mas, para além de bioma, esse território – por um complexo de ações humanas nos processos de colonização – converteu-se numa fonte de riqueza e de disputas políticas e econômicas entre os séculos XVII e XIX.

O historiador Jaime Cortesão (1954) o denominou de Território de Sacramento, em alusão à Colônia de Sacramento, fundada em 1680 pela Coroa Portuguesa, em frente à espanhola Buenos Aires, na desembocadura do Rio da Prata, área estratégica para as ações coloniais. Sua abordagem oferece dados satisfatórios para reconhecer os aspectos geográficos e político-econômicos envolvidos:

[a] região de que nos estamos ocupando era constituída pelas chamadas vacarias do Uruguai ou do Mar, que se estendiam desde o Rio Uruguai até à costa atlântica, desde a margem setentrional do estuário platino até às vacarias dos Pinhais, cerca dos limites entre os atuais Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Terra de ninguém, foi disputada durante quase dois séculos pelos Padres da Província do Paraguai e, mais particularmente dos chamados Sete Povos, pelos portugueses da Colônia, da Laguna e do Rio Grande de São Pedro, e pelos espanhóis de Buenos Aires, Montevideu, Santa Fé e Corrientes (CORTESÃO, 1954, p. 135-136).

Mas, terra de ninguém apenas na perspectiva das coroas coloniais, já que território de diferentes povos originários: charrúas, bohanes, guenoas, minuanos, guarani-yaros (KLEIN, 2012) no noroeste da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai; além das diferentes etnias – querandies; tehuelches; mapuches e araucanos (ASSUNÇÃO, 2011) – denominadas genericamente de Pampas pelos espanhóis, que habitavam desde a província de Buenos Aires até a Patagônia e a Terra do Fogo (o chamado Deserto, sobre o qual ao longo do século XIX ocorreram insistentes investidas de conquista).

O pampa, contudo, apesar desses povos originários, em muito se apresentava como um grande espaço vazio. O historiador uruguaio Fernando O. Assunção, ao tratar do nomadismo que é quase regra para os povos originários, chama atenção para aspectos de uma fragilidade de recursos naturais favorecedores à sedentarização humana:

[...] em tão vasto e aparentemente fértil e benigno território, mas em realidade escasso de produtos alimentares naturais. De fato, tratavam-se de grupos tribais – não verdadeiras nações –, de caçadores-coletores, ou seja, predadores por excelência do habitat, pelo qual transitavam de forma nômade, como corredores das planícies e destruidores da escassa flora utilizável como alimento (coleta) e da fauna (caça e pesca), devendo se mover periodicamente à medida

que determinada porção do território se esgotava (2011, p. 589)<sup>5</sup>.

Com tais contextos, desde o século XVI e até o século XIX o pampa é essencialmente um território de fronteiras: fronteiras entre os domínios portugueses e espanhóis, em constante tensão ao menos até a metade do século XIX; fronteiras entre colonizadores e povos originários, igualmente em constante tensão.

Quanto aos modos de produção utilizados pelos colonizadores, estes estiveram vinculados às riquezas que o gado, especialmente o bovino, pode oferecer. Num primeiro período, em relação às manadas selvagens que compunham as chamadas vacarias do Uruguai ou do Mar, quando a atividade principal pode ser descrita como a vaqueria: “na época colonial, matança de gado, praticada a céu aberto, para a extração de couro e graxa. // Criação de gado selvagem a campo aberto” (SCHLEE, 2019, p. 917); a “Idade do Couro” (ASSUNÇÃO, 2011). Posteriormente, através de práticas que acompanharam a gradual sofisticação de manejos pastoris e pecuários.

Tais modos de exploração econômica contribuíram para formas específicas de apropriação do território, formas que em muito incluíram as perversidades entre os que se dedicaram a ter mais em detrimento daqueles a serem excluídos ou, no máximo, precariamente incluídos. Estes, *los menos pudientes*, incluídos apenas para servir aos *decentes y pudientes*<sup>6</sup> (MOLAS, 1982).

Assim, o pampa se constituiu historicamente como um território de latifúndios e grandes Estâncias. Para o Uruguai e para a Província de Buenos Aires é significativa a imagem do *terratiente ausentista*, proprietário “que confia a exploração [da Estância] a um capataz enquanto ele reside onde tem as verdadeiras fontes de sua riqueza: a cidade” (BARRÁN; NAHUM, 2010, p. 87). No Rio Grande do Sul o ausentismo do proprietário pode ser menos intenso, mas a constituição dos latifúndios seguiu lógicas similares.

Esse pampa, que aqui se acessa para buscar evidências duma perspectiva arquitetônica e estética é, portanto, um território original, invadido e ocupado. Na trama complexa que se desenvolve entre tais dimensões, bem como na trajetória histórica dos indivíduos e grupos que nele atuaram e habitaram, encontram-se, sob algumas categorias não tão agradáveis de se lidar, potentes chaves de leitura para compreender o rancho, a tapera e a casa do estancieiro. São categorias como violência e apropriação, inclusive na grade teórica de Boaventura de Sousa Santos (2007), ou mesmo como o militarismo e o racismo. Aquele, entendido como “um vasto conjunto de hábitos, interesses, ações e pensamentos associados com o uso das armas e com a guerra mas que transcende os objetivos puramente militares” (PASQUINO, 1998, p. 748), este na perspectiva de discursos e práticas que inferiorizam indivíduos e grupos para deles extrair recursos, explorá-los, incluindo, ainda, o sentido proposto por Michel Foucault, quando indica que ele é o primeiro meio de introduzir um corte na população: “o corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (2010, p. 214).

Mas também foi (e é) lugar de desenvolvimento de sentimentos e sensibilidades peculiares: o de querência se destaca entre estes.

No *Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense* (SCHLEE, 2019), querência é apresentada como o “Lugar em que se nasce ou em que se vive; e no qual estão

<sup>5</sup> Optamos por traduzir as citações de obras acessadas em língua espanhola, mantendo, entretanto, em tal idioma quando se tratam de poesias. Na referência a obras acessadas a partir de dispositivo Kindle, a indicação se refere a posição e não a paginação.

<sup>6</sup> *Los menos pudientes*: os menos prósperos; *decentes y pudientes*: decentes e prósperos, ou, decentes e ricos.

os maiores afetos de uma pessoa: ou sua casa ou seus parentes ou seus amigos ou seu trabalho” (SCHLEE, 2019, p. 760). Também se encontra o verbo aquerenciar(-se): “Acostumar-se (animal ou pessoa) a um lugar ou a uma companhia” (SCHLEE, 2019, p. 97).

## O rancho

O rancho, como definido por Schlee, é a “[p]rimitiva construção tipicamente pampeana, utilizada pelo campeiro pampeano como morada” (2019, p. 771), e, em breve descrição de suas características:

Geralmente tem as paredes de torrões de terra ou barro, teto de palha quinchada e piso de cupim socado. Os mais antigos e rústicos tipos de rancho já desapareceram: não possuíam paredes divisórias e tinham pedaços de couro a fechar-lhes as aberturas (SCHLEE, 2019, p. 771).

Os diferentes grupos e povos originários do pampa, como mencionado, eram preponderantemente nômades ainda que alguns – quando do momento da conquista ibérica – já alcançassem incipiente nível de sedentarização (KLEIN, 2012), não obstante suas habitações mantivessem características favoráveis à mobilidade. Por tal perspectiva, pode-se considerar que o rancho é genuína expressão arquitetônica de um desejo sedentário no pampa.

O caráter primevo do rancho como habitação pampeana, sua prevalência no espaço rural e sua consequente superação na perspectiva da urbe, é bem perceptível ao se acompanhar as narrativas do francês Arsène Isabelle (1806-1888). Em rápida descrição do Uruguai, assinala:

Ao todo, vinte e seis povoações, independentemente das *estancias* ou grandes herdades do país, disseminadas a grandes distâncias umas das outras, e em torno das quais agrupam-se sempre alguns *ranchos* ou choupanas de terra cobertas de junco, onde se alojam as famílias que trabalham nos campos (2006, p. 51).

E, quando passa por *Paissandu*, hoje uma das mais importantes cidades do Uruguai, observa, dando a perceber o contraste que já havia registrado em outras localidades:

Paissandu, há quatro ou cinco anos, não passava de uma aldeia, como Las Higuieritas, com uma dúzia de ranchos espalhados aqui e ali. Em 1833, já se podiam contar quatrocentos *ranchos* ou choupanas, umas trinta casas de tijolo, bem construídas e com *azoteas*, ruas alinhadas, calçadas, lampiões, e uma população de quase cinco mil almas, incluindo a dos arredores (2006, p. 156).

Para o francês os ranchos são quase sempre adjetivados como miseráveis, não obstante em *Salto* (também Uruguai) registre existirem, além de não mais do que cinco casas, “*ranchos* bem construídos e, na maioria, caiados exteriormente” (2006, p. 173-174).

Sua mais detalhada descrição é ainda na região de *Salto*. Refere-se à habitação de imigrantes oriundos das Ilhas Canárias, mas, em suas palavras:

Sua habitação, como a dos gaúchos, era uma choça de terra,

entremeada de caniços e coberta de palha, construída, enfim, com aquela simplicidade arquitetônica da idade de ouro. Era composta de duas peças, o quarto de dormir e a sala de visitas que servia ao mesmo tempo de cozinha. Uma cama, formada de quatro estacas cravadas na terra suportando uma caniçada, ou correias de couro entrelaçado sobre as quais se coloca, em vez de colchão, um magnífico couro cru; alguns outros couros estendidos no solo e que servem de cama para as crianças; *bolas*, *lazos* (armas indispensáveis do gaúcho), arreios pendurados nas paredes do rancho, formavam a única mobília do quarto. Uma outra caniçada, suportada por seis estacas, e que servia às senhoras de sofá; duas cabeças de boi, fazendo as vezes de cadeiras; um barril de água, uma panela de metal, duas ou três cuias que serviam de copos, uma gamela de madeira e um espeto de ferro cravado verticalmente diante do fogão, colocado bem no meio da cozinha, constituíam rigorosamente o inventário da sala de visitas. Devo acrescentar que, na casa dos gaúchos mais ricos há, às vezes, ao lado do corpo principal da habitação, à distância de oito ou dez pés, uma segunda choupana, análoga à primeira, que serve de cozinha, de dispensa e de galinheiro. Não existe chaminé: o fogão está colocado no meio da peça e a fumaça escapa por onde pode (2006, p. 178).

O negociante inglês William Mac Cann, que na década de 1840 viaja por províncias argentinas, também realiza potentes descrições dos ranchos pampeanos. Destas, destaca-se:

O paisano vive numa choça ou rancho, construído - como tenho dito - com barro, estacas e palha. O rancho se compõe geralmente de duas peças, uma delas usada como cozinha, cujos utensílios já descrevi; a outra serve de dormitório e contém duas ou três cadeiras e um catre ou cama; os paisanos mais pobres usam uma espécie de plataforma disposta com estacas, tábuas e tranças de couro, ou então uma pele de vaca, esticada em quatro estacas cravadas no chão (2020, p. 63).

Quanto ao mobiliário típico de ser encontrado nos ranchos, alguns detalhes:

O mobiliário consistia em um couro seco sobre uma espécie de plataforma elevada, num canto do rancho; isto servia de assento durante o dia e de cama à noite. Os poucos utensílios domésticos eram também da ordem mais primitiva: uma panela de ferro, com três pernas, grandes cabaças onde guardavam a água e conchas recolhidas no rio próximo, as quais faziam de colheres. Preso ao teto, pendia um couro disposto de forma que servisse para guardar tudo e, em outro lugar, o esqueleto torácico de uma ovelha estava suspenso, funcionando como uma canastra (2020, p. 101).

Para ranchos no Rio Grande do Sul e também uruguaios (em período que este território estava ocupado pelo Reino de Portugal na condição de Província Cisplatina), os relatos do naturalista francês Saint-Hilaire podem ser acessados (2012). Ele, contudo, é menos descritivo dos aspectos estruturais, arquitetônicos e de mobiliário, sendo mais avaliativo quanto às sensações de repugnância que tais habitações lhe provocavam.

Não raro os viajantes realizam críticas ao que muitos consideram indolência ou falha civilizacional dos habitantes pampeanos, haja vista sua não inclinação à agricultura:

Vivem em seus ranchos e não dedicam um palmo de terreno a um jardim, nem plantam uma só hortaliça. (MAC CANN, 2020, p. 14)

Depois disso, só tereis planícies desertas [...] De longe em longe, só vereis cabanas miseráveis [...]. Não notareis o mínimo vestígio de trabalho agrícola, nenhuma árvore, nenhuma moita, mas somente horizontes imensos, sombrios e tristes, animados, por acaso, aqui e ali, pela passagem de um avestruz ou o galope de um *gaúcho*, que vai agrupando os animais dispersos pela seca ou pelas incursões dos índios.

Estareis nos *Pampas*[...] (ISABELLE, 2006, pp. 90-91).

Nesse aspecto, o qual aqui se relaciona também com a arquitetura que realizam, as reflexões do inglês Francis Bond Head (1793-1875) se fazem relevantes por conduzirem a uma inflexão de perspectivas, uma leveza epistemológica.

Após detalhadas descrições dos ranchos pampeanos, as quais coincidem com aspectos já relatados, expõe:

O gaúcho tem sido acusado por muitos de indolência; aqueles que visitam seu rancho o encontra, na porta, de braços cruzados e o poncho recolhido sobre o ombro esquerdo, ao modo de capa espanhola; seu rancho está esburacado e, evidentemente, seria mais cômodo se ele lhe dedicasse uma quantas horas de trabalho; em um lindo clima, carece de frutas e legumes; rodeado de gado, frequentemente está sem leite; vive sem pão e não tem mais alimento que carne e água [...] (HEAD, 2012, p. 227).

Head, ainda que não indulgente, propõe algo que se opõe a mera crítica ou detração do gaúcho:

[...] e quando se reflete que, na série crescente de luxos humanos, não existe ponto que produza contentamento, não se pode sentir que existe tanto filosofia como ignorância na determinação do gaúcho de viver sem necessidades; e a vida que realiza é, certamente, mais nobre que se trabalhasse como escravo, de manhã à noite, com a finalidade de obter outro alimento para seu corpo ou outros adornos para se vestir (2012, p. 235).

O rancho pampeano é simples e repercute a relação do homem com a natureza de seu entorno, numa condição social de distanciamento e significativo nível de isolamento em relação à urbe ou, ao menos, às povoações mais estruturadas do litoral do Rio da Prata e do Atlântico na época.

Ela, natureza, com pouca intervenção humana, compõe sua estrutura e mobiliário; em seu estado bruto é assimilada como funcional e em sua condição rústica e tosca conforma uma estética peculiar, que contemporaneamente é reproduzida como valor nos galpões e sedes de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

## A tapera

Num pampa de apropriações e violências coloniais; de expropriações territoriais e conflitos com povos originários; de precários direitos para os gaúchos e homens/famílias campeiras que ocupavam, de fato, vastas propriedades de *terratententes*

*ausentistas* ou que, sem verdadeiras garantias e reconhecimentos, lançavam-se à desbravamento de territórios que, não raras vezes, depois lhes foram expropriados, a tapera – “Ruína. Rancho, casa ou outra edificação da campanha – abandonada e destruída por não ter quem a habite” (SCHLEE, 2019, p. 854) – virou símbolo das peculiaridades e complexidades dos processos sociais associados aos territórios e ao modo de habitar, também arquitetônico, da região.

Na realidade campeira pampeana a querência está associada ao rancho, por mais simples que este seja. A tapera, rancho-querência em ruínas, também demonstra esse desejo de lugar estável: a literatura a apresenta sempre acompanhada alguma árvore, símbolo e testemunha de uma vontade humana de permanência e conforto.

O argentino Bartolomé Aprile (1894-1941), em poesia denominada *A un rancho* (19--., p. 60-62)<sup>7</sup>, canta não só as características arquitetônicas e sentimentos confluem para esse ícone da paisagem pampeana mas, em especial, o compromisso de não o deixar se tornar tapera: “Rancho que aún quedas en pie / no llegarás a tapera!” (19--., p. 62).

Também Bernardo Taveira Júnior (1836-1892) dedica ao rancho um de seus poemas na obra *As Provincianas* (TAVEIRA JÚNIOR, 1986), editada originalmente em 1886. Idealizado, é lugar de gente pobre, mas honesta, que: “Fez, mui longe da cidade, / Uma família o seu ninho.” (TAVEIRA JÚNIOR, 1986, p. 35); Nele vivem “Mulher, marido e pequenos, [...] Gorduchas, lindas crianças!... [...] Crescendo iam vigorosos / Esses futuros campeiros / Homens fortes, e briosos / Cidadãos ou guerrilheiros.” (TAVEIRA JÚNIOR, 1986, p. 35).

A tapera, como contraponto do rancho, é a felicidade que se frustra: pelo infortúnio; pela desilusão; pela usurpação da terra; pelos efeitos da guerra e da ganância...

Luiz Araújo Filho (1845-1918) em *Recordações Gaúchas* (s.d.), publicada originalmente em 1897, apresenta uma síntese do valor e da significação da tapera.

A obra narra a viagem, datada em 1860, de uma pequena comitiva através da Zona Sul do Rio Grande do Sul e da Banda Norte do Uruguai. O grupo, ao que tudo indica, havia comercializado tropa de gado nas charqueadas de Pelotas e retornava a uma estância (de brasileiros) no Uruguai. Já próximo ao fim da viagem, realizam uma parada; inicia-se reflexiva narrativa: “Uma tapera... um umbu... quem não conhece estas duas cousas tão comuns na nossa como na campanha do país vizinho?...” (s.d., p. 958).

Após “algumas palavras a respeito dos escombros representando a saudade, e da árvore simbolizando o segredo, ali, no descampado” (s.d., p. 963), Araújo Filho remete o leitor à densidade da questão social que a tapera simboliza e que se matiza com as peculiaridades pampeanas:

[...] e só uma alma vazia poderá ver um destes destroços de habitantes sem experimentar lá dentro, nos seus mais íntimos recessos, um certo sentimento de tristeza, sentimento que se traduz por uma interrogação jogado ao ar, ao tempo, ‘quem moraria aqui?’, pergunta insolúvel, porque quem poderia contar alguma cousa não fala, é ele, o umbu, a única testemunha viva, porém triste, solitária, muda (d.d., p. 977).

<sup>7</sup> Não há data precisa da edição da obra *El Libro de los Criollos*, de Bartolomé Aprile. Sabe-se, entretanto, que é dos primeiros anos da década de 1930. Por tais motivos as referências a ela são registradas na forma: 19--., seguido da página da edição que utilizamos, a qual é a original.

Godofredo Daireaux (1849-1916), em similar sensibilidade, escreve sobre a tapera:

O humilde rancho desapareceu, com seus cachorros buliçosos e turbulentos, com o balido de suas ovelhas. A família se foi a outros “pagos”, levando tudo, seu pequeno rebanho, sua pobre bagagem e suas esperanças. Não deixou, em torno do solitário [salgueiro-chorão], mais do que um pequeno forno em ruínas, o qual já não se verá coroado de alegre fumaça, além dos abrolhos e espinhos, inevitável vestígio da passagem do homem...

Quantos corações humanos são uma Tapera! (1901, p. 128).

Para os personagens que não são apenas espectadores, os quais retratam na literatura um pampa de paradoxos, a tapera é a realidade vívida de como se viam forçadas as populações pampeanas (pela natureza e pela política) a manejar fatalismos (CHIES, 2021). O icônico Martin Fierro, de José Hernández (1834–1886), é bastante explícito num trecho de seus cantos:

*Tuve en mi pago en un tiempo  
Hijos, hacienda y mujer,  
Pero empecé a padecer,  
Me echaron a la frontera.  
Y ¡qué iba a hallar al volver!  
Tan sólo hallé la tapera.*

*Sosegao vivía en mi rancho,  
Como el pájaro en su nido;  
Allí mis hijos queridos  
Iban creciendo a mi lao...  
Sólo queda al descraciao  
Lamentar el bien perdido.  
(HERNANDEZ, 1988, p. 17)*

Nazario Zerpa, personagem do conto *La tapera* (2020), do uruguaio Santiago Maciel (1865–1931), está entre aqueles vários pampeanos engajados a força nos exércitos protonacionais e/ou dos caudilhos regionais. Maciel lhes dá um desejo comum: “submetidos aparentemente a seus destinos, mas sempre buscando o momento oportuno para fugir aos montes ou em direção ao ‘pago’, a fim de ver, ainda que por breves instantes a suas famílias” (MACIEL, 2020, p. 59).

Zerpa por duas vezes já tentara desertar, sofrendo os castigos e humilhações quando das capturas. Era gaúcho jovem; casado há cerca de um ano, com moça excelente, simpática e ativa; possuía um rancho que ele mesmo construiu; pequeno rebanho de gado mestiço; e, já tinha um pequeno filho. “Sua obsessão permanente era voltar ao ‘rancho’, atacado do mal da ‘querência’” (MACIEL, 2020, p. 76).

O conto se desenvolve com a terceira deserção de Zerpa. Seu angustiado e perigoso retorno à querência. Ao final, depara-se com a tapera: “Uma partida de revolucionários havia atacado o ‘rancho’ o incendiando e roubando o pouco rebanho que ainda existia nos poteiros. Sua mulher e seu filho, surpreendidos pelas chamas, não tiveram tempo de fugir e pereceram. Essa era a história” (MACIEL, 2020, p. 225).

O jovem gaúcho, prestes a ser recapturado pela terceira vez, apenas foi atropelado pela cavallhada de seus perseguidores.

Roque Callage (1886 – 1931), em obra publicada originalmente em 1910, *Escombros* (2004), traz, em especial nos contos *Através do Pampa* e *Entre ruínas*, a imagem da tapera como o resquício de um passado pampeano e gaúcho que está a se modificar na passagem dos séculos XIX ao XX:

E olhei tudo aquilo, senti toda aquela ânsia fatal envolver-me desesperadamente com melancolia emotiva da saudade, pairando em cada queda da habitação moribunda. Deixei-me ficar no seio daquelas ruínas, falando com elas, vivendo com elas, na mesma dor infinita, no mesmo abalo doloroso.

[...][...] Só via, só sentia e percebia a alma imortal da recordação, falando à felicidade boa e simples dos que ali viveram e morreram... Escoimava-se de todos os fragmentos, de todos os restos, a saudade iluminando a minha rude reminiscência de gaúcho... [...]

[...][...]

E agora pela manhã um Sol se derramando em largas pulverizações de ouro, jorrando por todos os recôncavos da terra, vai penetrando em todos os cantos, em todas as entranhas, arrancando de todos os sítios, uma evocação longínqua do passado distante... (CALLAGE, 2004, pp. 91-92).

Acaso se avance na busca de exemplos deste complexo *querência-rancho-tapera*, encher-se-ão páginas e mais páginas desse ensaio, sobretudo ao se aproximar dos mais contemporâneos poetas, músicos e cantores das regiões pampeanas, estejam suas produções artísticas matizadas pelo folclore, pelo tradicionalismo ou mesmo por ritmos de pop e rock.

A tapera, ainda que contraponto em ruínas, é tão ícone da arquitetura pampeana como o é o rancho. Complementa a tríade aqui proposta a casa do estancieiro: por vezes uma evolução, uma superação do rancho; por vezes a edificação – concreta e simbólica – do poder que domina os ranchos. Parafraseando Michel Foucault, um Poder Caudilho/Soberano de deixar ser rancho, fazer virar tapera.

### A casa do estancieiro

No primeiro quartel do século XIX a habitação rural do estancieiro pampeano ainda pouco se diferencia do rancho. Saint-Hilaire permite tal percepção em algumas de suas descrições, mais detalhadas em se tratando de estancieiros. Em 24 de setembro de 1820, transitando de Rio Grande ao Chuí, faz parada na estância de José Bernardes, a qual:

[...] compõe-se, como todas as outras, da casa do dono e algumas casas de negros e de uma cozinha que forma uma choupana à parte, segundo o costume de quase todo o Brasil. A casa do estancieiro é coberta de palhas como as que vi depois da estância do Silvério: baixa como todas as outras, e construída também de pau-a-pique, construção esta usada em toda a região. Constituem o interior da casa duas peças: a sala e o quarto do proprietário, sendo este separado daquela apenas por uma cortina. A sala muito limpa, mas sem janelas, é apenas mobiliada por duas cadeiras de assento de couro, uma mesa, um leito de madeira com fundo guarnecido de couro, como é uso geral, e, finalmente, um estrado sobre o qual a dona da casa trabalha acocorada, formado por tábuas pregadas sobre dois tocos de madeira (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 140-141).

Já no território uruguaio, tendo passado de Colônia do Sacramento, em 19 de dezembro de 1820, descreve a casa de Dom Gregório:

[...] se apresenta muito mais arrumada e limpa do que as que vi na campanha, desde Montevideu; entretanto é também caiada e compõe-se igualmente de duas peças: uma que dá para fora, onde se recebem os hóspedes, e outra que se comunica com a primeira, onde dormem os donos da casa. A cozinha é, como de costume, numa choupana separada. (SAINT-HILAIRE, 2012, p. 230).

O tempo, a exploração das riquezas pampeanas e do trabalho de negros escravos e gaúchos campesinos proporcionará que a casa do estancieiro transite do rancho, ou mesmo de uma barraca primitiva, à morada senhorial. Com abordagem quase poética, Godofredo Daireaux proporciona reflexões sobre o tema:

A estância estende seus campos ricos e de pastagens ao redor da morada senhorial. [...] Mas, da barraca primitiva, do toldo que hoje se arma aqui e amanhã lá, sem adornos e sem móveis, sucedeu o humilde rancho, berço da família futura e dos Penates e do Lares, deuses domésticos já se assentaram nele [...] (2011, p. 430).

Mas, para além de uma suntuosidade, que na literatura de Daireaux se apresenta como civilizatória, identifica-se uma arquitetura que se propõe funcional ao ambiente, aos desafios pampeanos e às demonstrações de poder. No conto *Los amores de Bentos Sagrera* (VIANA, 2020), de Javier de Viana (1868 – 1926), escritor e político uruguaio do período de transição do século XIX ao XX, esta dimensão está presente:

A estância de Sagrera era um desses velhos estabelecimentos de origem brasileira, que abundam na fronteira e que se assemelham a cárceres ou fortalezas. Um longo edifício de paredes de pedra e teto com terraço; uns galpões, também de pedra, em frente, e nas laterais um alto muro com só uma porta pequena dando ao campo. A cozinha, a despensa, o forno, os quartos dos peões, *tudo estava encerrado dentro da muralha* (2020, p. 468. Grifamos).

No decorrer do conto, no qual a casa do estancieiro é tão somente um cenário, Viana destaca a força da construção perante o vento e a chuva que naquela noite enfrenta: “o vento que vinha desde longe saltando livre as coxilhas peladas, arremeteu com fúria contra os maciços edifícios [...] a chuva açoitava as paredes da mansão e batia furiosamente nos telhados de zinco dos galpões” (2020, p. 502).

Também é possível vislumbrar que, não obstante sua riqueza, o estancieiro vivia ali sem grandes luxos e prazeres. Viana menciona a “espaçosa peça que servia de sala de jantar” (2020, p. 481), sem descrever mobília que se possa destacar; qualifica Sagrera de “orgulhoso e arrogante, avaro e egoísta” (2020, p. 489).

Ocorre que não obstante a riqueza, o desejo de exibição de opulência de alguns, num território que se manteve intensamente beligerante ao menos até a segunda década do século XX<sup>8</sup>, as casas rurais dos estancieiros mesclaram com ênfase, quando não

8 Sem adentrarmos no tema do período das ditaduras latino-americanas dos anos 1960-70-80, no Rio Grande do Sul registram-se guerras, incluindo as fratricidas, pelo menos até a Revolução de 1923, resquício da brutal Revolução Federalista de 1893, também conhecida como Revolução das Degolas.

priorizaram, as modernidades e o luxo às funcionalidades das atividades de exploração econômica e defesa militarizada. Maiores exibições de opulência, em especial no Rio Grande do Sul, será destinada às residências urbanas desses mesmos estancieiros.

Quem, como turista, visita a charqueada São João em Pelotas/RS, construída entre 1807 e 1810 às margens do Arroio Pelotas e que, além de residência familiar em períodos de safra, manteve-se em atividade como indústria até 1937<sup>9</sup>, será informado sobre sua disposição de peças, sobre os ângulos de tiro em suas janelas, dentre outras peculiaridades arquitetônicas que favoreciam tanto as funcionalidades de uma empresa com o rigor escravista no controle de sua mão-de-obra, como de uma fortificação de defesa contra ataques externos.

Outro exemplo: em 1892 (ano anterior a data oficial de início da Revolução Federalista de 1893, no Rio Grande do Sul) o republicano Euclides B. de Moura publica a obra *O Vandalismo no Rio Grande do Sul*, através da qual entende “prestar um serviço aos imparciais julgadores desta calamitosa época em que campeiam o terror, o ódio e o banditismo” (MOURA, 2000, p. 12)<sup>10</sup>.

Da obra, a esse ensaio interessa uma alusão à estância de Gumercindo Saraiva, liderança federalista na época, localizada no município de Santa Vitória do Palmar/RS (fronteira com o Uruguai):

Procedendo-se a uma busca minuciosa na tristemente célebre estância de Curral de Arroios, cuja casa achava-se convertida numa verdadeira fortaleza, com as competentes seteiras e torreões artilhados, foram apreendidas quarenta e tantas Remingtons de precisão, e grande número de munições, cartuchos embalados, etc. (MOURA, 2000, p. 65).

Não há dúvidas de que as casas de estancieiros se prestam a uma diversidade de olhares orientados pela ciência da arquitetura. Textos e estudos de Luís Henrique Haas Luccas, por exemplo, desde sua dissertação *Estâncias e Fazendas: arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul* (LUCCAS, 1997), instigam a se observar diferentes aspectos dessas edificações. O olhar na abordagem desse ensaio, entretanto, é mais focalizado na percepção de alguns elementos que, em tecitura complexa de fatores – naturais, culturais, econômicos, políticos e geopolíticos – interagindo e se dinamizando em recíprocas influências – sugerem terem emergido peculiaridades estéticas para além de diretrizes assumidas e conhecidas pelos edificadores/construtores da época.

Uma dessas peculiaridades sugere ser a não refutação, ou ainda mais a adesão, ao singelo (incluindo o sentido de desprovido de ornamento, de enfeites, ou mesmo de luxos).

Em 27 de abril de 1821 Saint-Hilaire, no trajeto entre os municípios sul-rio-grandenses de Cachoeira e Rio Pardo, é recebido na casa do Major Filipe Carvalho, homem que qualifica como rico (2012, p. 426). Observa a edificação, registra alguma mobília e a ausência de decoração:

A casa do Major é coberta de telhas, porém, térrea; em geral não vi nesta capitania uma só casa de um andar.

9 Informações que constam no site: [www.charqueadasaojoao.com.br](http://www.charqueadasaojoao.com.br).

10 Não obstante suas pretensões, Euclides B de Moura, como republicano que é, produz uma obra importante, mas indiscutivelmente parcial, chagando à demonização dos opositores federalistas.

Havia na sala em que fui recebido uma mesa e cadeiras de dobrar, com assento de couro. Quanto à mesa, era bem servida. É preciso que uma casa seja muito pobre para que nela não se encontrem alguns talheres de prata, mas o uso de pratos desse metal é desconhecido no Brasil. Na Capitania do Rio Grande não há tapeçaria em parte alguma; as paredes são caiadas e sem ornamentos (2012, p. 427).

Dias depois, Saint-Hilaire volta a mencionar o Major Filipe:

Tenho dito inúmeras vezes que há nesta capitania homens muito ricos; contam-se numerosos estancieiros com renda de até quarenta mil cruzados e, no entanto, em suas casas nem o mobiliário demonstra uma tal fortuna. O Major Filipe, por exemplo, é um destes que possuem quarenta mil cruzados de renda; porém, um campônio francês, com mil escudos de renda, vive mais confortável (2012, p. 435-436).

Este mesmo trecho do Diário de Saint-Hilaire também chama a atenção de Luccas (2010), que o menciona após registrar que:

A principal diferença programática [das sedes de estâncias pecuaristas sul-rio-grandenses] frente às casas-grandes cafezeiras e açucareiras foi uma redução proporcional destas, de suas áreas sociais e do número de aposentos. O fator econômico pode ter apresentado assimetria entre o sul e as regiões ricas referidas, pela liquidez das exportações de açúcar e café, mas não sustenta a questão de modo exclusivo. [...] [...]

É plausível que a simplicidade das casas e o modo de vida fossem resultado de uma convergência de mais fatores, além dos recursos econômicos prováveis. Um destes fatores foi a escassez de mão-de-obra local registrada [...] (LUCCAS, 2010, s.p.).

Aqui a hipótese é outra. Não é na arquitetura que o típico sul-rio-grandense e platense da economia ganadeira encontrará espaço para a ostentação, para o ornamento, para o decorativo. Saint-Hilaire ainda registra observação que auxilia a sustentar a hipótese:

É no equipamento de seus cavalos que a gente desta região procura ostentar maior luxo; os estribos de prata, a testeira, o freio a retranca de seus cavalos são guarnecidos de placas desse mesmo metal mas essa despesa não se renova seguidamente, absorvendo somente parte muito pequena de renda dos que a fazem. (2012, p. 436).

Com tais informações, pode-se avançar para algumas análises e considerações.

### Considerações instigativas

Do reconhecimento do pampa como território, bem como dos registros históricos sobre os ranchos, as taperas e as casas de estancieiros que nele se ergueram, ruíram e se edificaram até fins do século XIX, identificam-se fatores e elementos que se destacam na perspectiva desse estudo:

- a) A restrição dos materiais que a natureza oferta aos edificadores da época;
- b) O distanciamento físico entre as edificações, ou pequenos conjuntos dessas, que

repercutem em tipos de sociabilidades e em demandas no âmbito das reciprocidades concretas ou simbólicas, as quais se resolvem mais no essencial do que na ostentação de luxos;

c) O horizonte amplo num território de planuras, que impacta sensibilidades, tornando-as mais autorreflexivas;

d) As atividades econômicas brutas, que só extraem riquezas no revirar de entranhas, sejam as entranhas de animais, na matança ganadeira, seja, posteriormente, as entranhas da terra, na lavra dos agricultores;

e) O singelo e funcional como um valor.

Para que se realize uma tradução desses reconhecimentos e registros em estética arquitetônica, propôs-se operar através de uma ecologia de estéticas – *do Frio e Wabi-sabi* –, o que conduz à identificação de seus princípios e características.

A *Estética do Frio* é uma elaboração reflexiva do cantor, compositor e escritor sul-rio-grandense Vitor Ramil, desencadeada pelo experimentar um sentimento de estranhamento identitário de sua arte em relação ao Brasil. Ramil encontrou num complexo geográfico-humano – o pampa (seu relevo, seu clima) e o gaúcho (tipo humano e social que lhe é peculiar) – a chave compreensiva da estética que já exercia e que desejava manter e sofisticar.

Sete princípios são destacados nessa estética, os quais aqui se apresenta a partir dos versos de sua *Milonga das Sete Cidades* e da interpretação de sua trajetória na obra de Luíz Rubira (2014):

Princípios/propriedades	Estética de Frio	
	Milonga das Sete Cidades	Vitor Ramil – Nascer leva tempo (RUBIRA, 2014, pp. 176-179)
<b>Rigor</b>	me entreguei Aos caminhos mais sutis	Significa me lapidar aos poucos, como artista e como pessoa.
<b>Profundidade</b>	A minha alma eu encontrei E me vi em mim	Dimensão introspectiva, meditativa. A profundidade de seu pensamento.
<b>Clareza</b>	O pampa infinito e exato me fez andar	No pampa tudo é definido: a regularidade (...)
<b>Concisão</b>	Concisão tem pátios pequenos Onde o universo eu vi	É palavra-chave
<b>Pureza</b>	fui sonhar	---
<b>Leveza</b>	o céu se abriu	Recusa da inércia. Mudança de pontos de observação
<b>Melancolia</b>	A minha alma me sorriu E eu me vi feliz	---

Já o universo *Wabi-sabi*, mais amplo e complexo que tão somente sua estética, tem suas origens no taoísmo e no zen-budismo chinês (KOREN, 2019, p. 251). Seu desenvolvimento se deu, entretanto, através dos rituais e ambientes da cerimônia do chá no Japão, tendo seu auge no século XVI (KOREN, 2019, p. 264). A síntese de suas dimensões é apresentada no seguinte quadro:

Quadro 1 – Princípios da Estética do Frio, de Vitor Ramil. Fonte: RAMIL, 1997; RUBIRA, 2014. Organizado pelos autores.

<b>Base metafísica</b>	As coisas são conduzidas para o nada ou se desenvolvem a partir dele
<b>Valores espirituais</b>	A verdade vem da observação da natureza
	A “grandeza” existe nos detalhes mais discretos e imperceptíveis
	O belo pode ser extraído do feio
<b>Estado de espírito</b>	Aceitar o inevitável
	Valorizar a ordem cósmica
<b>Preceitos morais</b>	Livrar-se de tudo aquilo que é desnecessário
	Concentrar-se no que é intrínseco e ignorar a hierarquia material
<b>Características materiais</b>	Processo natural inusitado no objeto
	Irregularidade
	Intimismo
	Despretensão
	Aspecto terroso
	Aspecto turvo
	Simplicidade

Ao se detalharem as características materiais do *Wabi-sabi*, potências estéticas se evidenciam:

<b>Processo natural inusitado no objeto</b>	As coisas são feitas de materiais visivelmente vulneráveis aos efeitos do clima e do uso humano. Registram descoloração, ferrugem, manchas, rachaduras etc...
<b>Irregularidade</b>	As coisas podem exibir efeitos de um acidente ou mostrar os resultados de quando acontecem ao acaso.
<b>Intimismo</b>	As coisas geralmente são pequenas e compactas, silenciosas e voltadas para dentro.
<b>Despretensão</b>	As coisas são espontâneas e inevitáveis; discretas e modestas; facilmente coexistem com seu entorno.
<b>Aspecto terroso</b>	As coisas podem parecer grosseiras e não refinadas.
<b>Aspecto turvo</b>	As coisas têm uma característica vaga, imprecisa ou atenuada.
<b>Simplicidade</b>	As coisas podem ser reduzidas à essência, sem perda da poesia.

Uma gramática decorrente de uma ecologia das estéticas apresentadas remete a noções dialógicas e complementares que se permitem expressar em pares como:

<b>Estética do Frio</b>	<b>Wabi-sabi</b>
<b>Clareza</b>	Despretensão
	Processo natural inusitado no objeto
	Simplicidade

<b>Leveza</b>	Processo natural inusitado no objeto
	Irregularidade
	Aspecto terroso
	Aspecto turvo
	Simplicidade
<b>Pureza</b>	Processo natural inusitado no objeto
	Irregularidade
	Aspecto terroso
	Aspecto turvo
	Simplicidade
<b>Rigor</b>	Intimismo
<b>Concisão</b>	Despretensão
	Intimismo
<b>Profundidade</b>	Intimismo
<b>Melancolia</b>	Simplicidade

Será possível cotejar essa gramática em relação ao contexto arquitetônico pampeano registrado nesse estudo?

Clareza, que também é despretensão e processo inusitado natural no objeto, verifica-se e se produz na oferta da natureza do pampa ao sujeito, seus materiais disponíveis à construção edificadora, suas regularidades e sua exatidão infinita. É na utilização dessa natureza que o humano edificador também se lapida com rigor e profundidade no intimismo e simplicidade. Edifica o viável, o rigorosamente necessário e se preocupa com o funcional (ainda que um crâneo equino lhe sirva como assento).

O que a natureza lhe oferta, e na relação que se estabelece com o território (recursos, ação do clima e do humano) acaba por se constituir como irregular, assumir aspectos terrosos e turvos, os quais não deixam de se relacionar com pureza e leveza, capazes de acolher a beleza do singelo e com ela se satisfazer: melancolias da simplicidade, que reduz às essências sem perder a poesia.

Concisão, de pátios e ranchos/casas pequenas, que ao mesmo tempo é despretensiosa e intimista. Quem tem o pampa como “quintal”, vislumbra o infinito pelos buracos de seu rancho de duas peças, pelas janelas de sua sede de estância (não tão grande como as dos cafezais paulistas). Para ter e estar no universo do pampa não é necessário edificar para além da concisão, sobretudo diante de uma clareza que induz rigor e profundidade.

As possibilidades de análise se multiplicam e extrapolam os limites de registro nesse ensaio. Não obstante, é de se considerar satisfatório o que já se pode explorar para fins de se retornar ao ponto de partida: olhar novamente as imagens das edificações do *pueblo* uruguaio de *19 de Abril*, despidas de reboco e com seus tijolos aparentes, e sugerir que em nada representam desleixo, civilização incompleta, decadência ou barbárie arquitetônica. São, sim, bons exemplos das repercussões de uma *arquitetura entranha*, que se constitui no pampa, e se pauta pelo singelo, pelo rústico e pelo tosco, desenvolvidos em clareza, profundidade, rigor, concisão, leveza e pureza. Têm nas ambíguas melancolias seu epifenômeno, pois essencializam a beleza das coisas simples e modestas.

Para a arquitetura contemporânea pode-se, assim, esboçar perspectivas estéticas e pré-conceituais de uma *arquitetura entranha*:

Perspectivas estéticas	Gramática interpretativa a partir da ecologia de estéticas
linhas simples, sem enfeites, sem adornos	Rigor; profundidade; pureza; concisão; despreensão; simplicidade
materialidade à vista, nua, definindo e apresentando sua essência e “entranhas”	Pureza; clareza; leveza; melancolia; processo natural inusitado no objeto; aspectos terroso e turvo; irregularidades
escala construtiva justa, formas simples, menor impacto	Concisão; rigor; pureza; intimismo; simplicidade
discernimento/entendimento do lugar, fusão das espacialidades interna e externa	Pureza; clareza; leveza; profundidade; melancolia aspecto turvo; simplicidade

É possível se encontrar edificações contemporâneas com aplicações destas perspectivas estéticas? Sim! Em Pelotas e em diferentes cidades do Cone Sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai). Aqui se traz um sugestivo exemplo, nas figuras da página seguinte.

Por fim, é de se registrar que num continente mestiço (KUSCH, 2007) o par barbárie-civilização emerge como característica, dilema e paradoxo. E para Rodolfo Kusch, filósofo e antropólogo argentino, é na sedução da barbárie – “sedução do verdadeiro, do que vive” (LOJO, 1992, p. 419) – e não na da ficção da civilização que se pode encontrar uma chave de compreensão das identidades e peculiaridades americanas: “Esta sedução não é o que causa o pecado, mas sim o que o redime: não é a mentira, mas sim o que anula, com argumentos da verdade mais incontestável, a grande ficção da cidade americana *ad usum Europae*” (LOJO, 1992, p. 418).

A *arquitetura entranha* parte da necessidade de revitalizar perspectivas estéticas que, ao primeiro olhar, possam parecer bárbaras. Nesse sentido, talvez se tenha que também perscrutar como a filosofia de Kusch, com sua sedução pela barbárie, contribui para que avancemos do pré-conceitual ao conceitual. Mas esta será outra etapa da agenda de reflexões e pesquisas que, através deste ensaio, propõe-se realizar.

## Referências

APRILE, Bartolomé R.. *El libro de los Criollos*. Buenos Aires: El Canta Claro, 19--.

ARAÚJO FILHO, Luís. *Recordações Gaúchas*. Porto Alegre: Independently published, s.d.. (dispositivo Kindle)

ASSUNÇÃO, Fernando O. . *Historia del Gaucho. El gaucho: ser y quehacer*. Buenos Aires: Claridad, 2011(Dispositivo Kindle).

BARRÁN, José Pedro; NAHUM, Benjamín. *Bases económicas de la revolución artiguista*. Montevideo: La Banda Oriental, 2012.

CALLAGE, Roque. *Prosas de ontem; Escombros*. Santa Maria: Ed.UFSM, 2004.

CHIES, Luiz Antônio Bogo. *Atitudes cognitivas: o arquétipo “gaucho”*. Pelotas: Ed. do Autor, 2021.



Fotografia 3 - Prédio na Vila Judith, Pelotas, RS. Crédito: Diego Leite da Silva.

Fotografia 4 - Detalhe da sala de jantar, prédio na Vila Judith, Pelotas, RS. Crédito: Diego Leite da Silva.

CORTESÃO, Jaime. O território de Colonia do Sacramento e a formação dos Estados Platinos, *Revista de História*, 17, p. 135-165, 1954.

DAIREAUX, Godofredo. *Los Dioses de la Pampa*. Buenos Aires: Tecnibook Ediciones, 2011. (dispositivo Kindle)

DAIREAUX, Godofredo. *Tipos y Paisajes Criollos* (primera serie). Buenos Aires: Prudent Hnos. y Moetzel Editores, 1901.

FILGUEIRA, Domingos da. Como viajar, por terra, da Colônia do Sacramento a Laguna. In: CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: estudo de fontes primárias da história rio-grandense acompanhado de vários textos*. 2.ed., Porto Alegre: Edurgs, 1981, p. 57-60.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HEAD, Francis Bond. *Viaje a través de las Pampas y los Andes*. Buenos Aires: Claridad,

2012. (dispositivo Kindle)
- HERNÁNDEZ, José. *El Gaucho Martín Fierro*. Montevideo: La Republica, 1988.
- ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.
- KLEIN, Fernando. *Nuestro pasado indígena*. Montevideu: Ediciones B, 2012.
- KOREN, Leonard. *Wabi-sabi: para artistas, designers, poetas e filósofos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. (dispositivo Kindle)
- KUSCH, Rodolfo. La seducción de la barbarie. In: KUSCH, Rodolfo. *Rodolfo Kusch: obras completas*. Rosario: Fundación A. Ross, 2007, pp. 1-131.
- LOJO, María Rosa. H.A. Murena y Rodolfo Kusch: "Barbarie" como seducción o pecado. *Anales de Literatura Hispanoamericana*, V. 21, pp. 415-420, 1992.
- LUCCAS, Luís Henrique Haas. *Estâncias e fazendas: arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1997 (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitetura, 1997.
- LUCCAS, Luís Henrique Hass. Estâncias e Fazendas do Rio Grande do Sul Arquitetura tradicional da pecuária. 2º *Seminário de Patrimônio Agroindustrial, Lugares de memória*. São Carlos : EESC/USP, pp. 19-22, 2010.
- MAC CANN, William. *Viaje a caballo por las provincias argentinas*. Disponível em [https://pdfs.semanticscholar.org/2fe4/878ded2a1f1038cdcfb823694b7cf96bd2c9.pdf?\\_ga=2.151191033.1599198826.1586275349-706685818.1581440162](https://pdfs.semanticscholar.org/2fe4/878ded2a1f1038cdcfb823694b7cf96bd2c9.pdf?_ga=2.151191033.1599198826.1586275349-706685818.1581440162). Acesso em 07 de abril de 2020 (descarregado em PDF).
- MACIEL, Santiago. La tapera. in: NEMO, August (editor). *7 mejores cuentos – literatura gauchesca*. São Paulo: Tacet Books, 2020.
- MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- MMA (Ministério do Meio Ambiente). *Pampa*. Disponível em <https://www.mma.gov.br/biomas/pampa.html>. Acessado em 25 jun. 2021.
- MOLAS, Ricardo E. Rodriguez. *Historia social del gaucho*. Buenos Aires, CEAL, 1982.
- MOURA, Euclides B. de. *O vandalismo no Rio Grande do Sul: antecedentes da revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.
- PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 240-242.
- RAMIL, Vitor. A estética do frio. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (coords.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1992, pp. 262-270.
- RAMIL, Vitor. *A estética do frio: conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- RAMIL, Vitor. Milonga de Sete Cidades (A Estética do Frio). In: RAMIL, Vitor. *Ramilonga - A Estética do Frio*. Porto Alegre: Satolep Music, 1997.
- RUBIRA, Luís. *Vitor Ramil: nascer leva tempo*. Porto Alegre: Publicato, 2014.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, n. 79, pp. 71-94, Nov. 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016*. São Paulo: Cortez, 2018.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, o, Civilización y barbarie*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2018.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. *Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense (2 volumes)*. Pelotas: Frutos do Paiz, 2019.
- TAVEIRA JUNIOR, Bernardo. *Provincianas*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: MinC/ Pró-Memória, INL, 1986.
- VIANA, Javier de. Los amores de Bentos Sagrera. in: NEMO, August (editor). *7 mejores cuentos – literatura gauchesca*. São Paulo: Tacet Books, 2020.